



Opinião Econômica

Rodrigo Zeidan

Professor da New York University
Shanghai (China) e da Fundação
Dom Cabral. É doutor em
economia pela UFRJ



Em vez de proibir, solução pode ser dificultar aposta

Sites de jogos eletrônicos vendem sonho e entregam pesadelo; não precisa ser assim

Precisamos limitar as onipresentes bets, criando obstáculos para quem quiser apostar. A questão não é moral: cada um deveria ser livre para gastar seu tempo e dinheiro como quiser. É maniqueísta dizer que crianças vão ficar sem presente neste Natal porque seus pais estão apostando. Quem é viciado não precisa de bet para destruir o patrimônio familiar.

E quem não é viciado, mas tem dificuldades de controle? E os desesperados? Esses são presa fácil. Há tênue diferença entre jogo de azar, quando a casa tem vantagem, e roubo, quando se vende uma coisa e entrega-se outra.

Fricções são bem-vindas quando produtos podem viciar.

Não há país que permita propaganda de cigarros, mas, se alguém procurar, encontra. Em vez de proibir, a solução pode ser dificultar.

Medidas como permitir somente uso de cartão de débito, padronização sobre probabilidades (com percentuais claros), limites sobre horários em que se pode apostar e restrições sobre propagandas poderiam reduzir o uso sem acabar com a brincadeira de muitos.

Nos Estados Unidos e na China, até recentemente, jogos de azar só em poucas áreas. Isso por si só limita o uso, já que alguém tem que se deslocar para Las Vegas ou Macau para jogar. Na maioria, nada de cartões de crédito. Sem dinheiro na con-

ta, sem apostas. Cada medida, como trocar dinheiro por fichas, cria pequenas barreiras. Reguladores determinam limites mínimos de retorno para apostadores e fazem algo (mesmo que imperfeitamente) para limitar a predação, tornando o jogo algo mais próximo de entretenimento. E nenhum dono de cassino reclama que não dá para ganhar dinheiro apesar da regulação (a não ser Trump e alguns poucos outros, raros exemplos de empreendedores que levaram cassinos à falência).

Hoje, é fácil demais apostar e as empresas se movem para incentivar cada vez mais o uso, com expansão de ofertas cada vez mais apelativas para trazer e reter clientes. É como se os cas-

sinos de Las Vegas saíssem atrás de possíveis clientes, prometendo mundos e fundos e dando crédito indiscriminadamente, aceitando até dentaduras. Mas não é assim. Acabaram as fichas? Vai ter que levantar e enfrentar fila para trocar de novo. Isso gera ineficiência, mas esse é o ponto. Em mercados de apostas eficientes, as casas limpam os viciados e competem para oferecer produtos ruins; em vez de entretenimento, entregam desastre.

Há casos de apps em que comportamento de vício, como checar saldo no meio da madrugada consistentemente e ficar tirando e colocando dinheiro na conta, alimenta algoritmos. Não consegue dormir por causa do que apostou? Tome mais crédito!

As evidências sobre os danos disso só aumentam. Estudos são sobre os Estados Unidos, mas no Brasil deve ser pior, pois desigualdade leva à maior procura por atalhos para sair da pobreza. A legalização das bets levou a aumento nas falências individuais em 28%, o score de crédito das famílias caiu mais de 1%, e a poupança familiar despençou 14%. Elas parecem até aumentar violência doméstica: se um time local sofre uma derrota inesperada, os casos aumentam em 9% nos lugares que aceitam apostas em relação a onde elas são proibidas.

As bets vendem sonho e entregam pesadelo. Não precisa ser assim. Não é para proibir, mas sim dificultar. Para ontem.

Banri
Global
Account



O mundo pra
investir e viajar.

Acesse o
QR Code e
saiba mais



banrisul

Movimento intenso no comércio marcou final de semana que antecede o Natal

/VAREJO

Júlia Fernandes
@eujuliafernandes

O último final de semana antes do Natal no Centro de Porto Alegre foi marcado por uma intensa movimentação, especialmente na avenida Voluntários da Pátria, onde o fluxo de pessoas foi considerável, com longas filas no caixa de algumas operações.

No entanto, a situação foi bem diferente em outras áreas, como a Rua dos Andradas, que apresentou variações significativas de movimento, com pontos muito mais tranquilos. Fatores como as enchentes de maio e o comportamento dos consumidores criam um cenário desafiador para o comércio local.

Na rua Voluntários da Pátria, a movimentação foi um dos maiores indicativos da proximidade

das festividades. Lojas registravam grandes filas no caixa, com consumidores relatando tempos de espera de mais de uma hora. “Está muito cheio aqui, mas está valendo a pena”, disse Rubiane Victorino, que realizava compras com a família.

Já na Rua dos Andradas, a situação variou bastante ao longo da via. Na altura da rua Vigário José Inácio, o movimento era expressivo, mas em direção à Praça da Alfândega o fluxo era baixo, com várias lojas fechadas.

No shopping Rua da Praia, os corredores estavam quase vazios. “Aqui no shopping, o movimento está muito ruim. Esse ano, o Natal está muito fraco, não vendemos nada hoje”, lamentou Jiang Lidou, proprietário de uma loja de artigos de presente. Ele destacou que o movimento está bem abaixo das expectativas, especialmente considerando sua experiência de 28 anos

no local. “Já teve anos em que passamos do horário comercial com a loja cheia. Hoje, quase não entra gente”, explicou.

A crise vivida por muitos lojistas parece estar relacionada a uma série de fatores. A pandemia de Covid-19 e as enchentes recentes contribuíram para o fechamento de lojas e o enfraquecimento do comércio local.

Antes da enchente, estávamos começando a nos recuperar, mas com os danos causados, muitas lojas fecharam novamente”, contou Lidou, que tem sentido a diminuição no fluxo de consumidores no shopping. Outro ponto levantado por Gislaíne Sena, lojista do Shopping Rua da Praia, foi a mudança nos hábitos de consumo. “As pessoas estão comprando mais pela internet, e o pessoal está mais acostumado a comprar nas lojas do bairro”, disse Gislaíne, apontando a concorrência com o comércio



Centro de Porto Alegre registrou grande fluxo de clientes no sábado

de bairro como um fator importante para a redução do movimento no Centro.

Por outro lado, Ariane Morone, funcionária de uma loja de calçados no Centro Histórico, trouxe uma perspectiva mais positiva. “Hoje, a movimentação está boa, mas esperávamos mais. Comparado ao ano passado, a situação está melhor sim. Temos visto uma recuperação”, afirmou. Para ela, a crescente presença de clientes, mesmo que de forma mais gradual, é

um reflexo de uma recuperação no comércio.

Carlos Klein, vice-presidente comercial da Câmara de Dirigentes Lojistas (CDL) da Capital, comentou sobre a expectativa dos lojistas para o Natal deste ano. “Dentro do contexto do ano, com forte impacto das enchentes na economia, o Natal está dentro do cenário médio esperado. Nem bom como gostaríamos, nem ruim como poderia ser em função da crise climática”, afirmou.

EVANDRO OLIVEIRA/C